



# GUAIRACÁ REVISTA DE FILOSOFIA

## EPICURO E A GUERRA: DOIS AVISOS DE BRENTANO PARA UM BRASIL EM COLAPSO

EVANDRO O. BRITO<sup>1</sup>

CAMILA BOZZO MOREIRA<sup>2</sup>

**RESUMO:** Apresentamos aqui a tradução de um pequeno texto de Franz Brentano sobre a 1ª Guerra Mundial, antecedido de uma introdução destinada a apontar dois traços de um egoísmo que poderíamos hoje chamar de tipicamente brasileiro. O texto “Epicuro e a Guerra” foi escrito por Franz Brentano, em 1916, como nota de repúdio ao artigo homônimo publicado por Paul Hiestand, no *“Internationale Rundschau”*, em 10 de dezembro de 1915. O ponto central da crítica brentaniana sustentava que, sob a correta tese defendida por Hiestand, (a saber, a tese de que se inverte a relação entre meios e fim ao se tomar a vida dos indivíduos como meio para prosperidade econômica ou política do Estado), há um ataque infundado ao verdadeiro espírito cristão filosófico. Em uma defesa curta e direta do teísmo filosófico, Brentano responsabiliza o egoísmo epicurista defendido por Hiestand pela origem da 1ª Guerra em andamento. Há nesse debate dois traços do que poderíamos chamar de egoísmo tipicamente brasileiro. Assim, ainda que de modo breve, trataremos de apontá-los com forma de explicitar a atual cegueira cultural do país. O primeiro deles

1 Autor do artigo de apresentação e co-tradutor do texto “Epikur und der Kriege”. Professor adjunto do Departamento de Filosofia (Defil) e do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO/Fundação Araucária). E-mail: [Evandro@unicentro.br](mailto:Evandro@unicentro.br). ORCID <http://orcid.org/0000-0003-4121-1106>

2 Doutoranda em Estudos Literários pela UFPR, bolsista CAPES. E-mail: [camila.bozzom@gmail.com](mailto:camila.bozzom@gmail.com). ORCID <https://orcid.org/0000-0001-9768-7037>

é teórico econômico e está no egoísmo imbricado na ilusão de alguns intérpretes brasileiros da teoria austríaca do valor econômico, os quais sustentam que vidas humanas podem (e devem) ser usadas como meio para garantir a prosperidade econômica brasileira. O segundo é teológico e está no egoísmo implícito na ilusão de alguns defensores do cristianismo neopentecostal brasileiro, os quais se deixam seduzir pela moral egoísta de um estado bélico e desvirtuam o cristianismo de seu caminho para a paz.

**Palavras-chave:** Brentano, Hiestand, Epicuro, Guerra, Brasil.

## EPICURUS AND WAR: TWO WARNINGS FROM BRENTANO FOR A COLLAPSING BRAZIL

**ABSTRACT:** We present here the translation of a short text by Franz Brentano on the First World War, preceded by an introduction aiming at pointing out two traits of an egoism that today we could call typically Brazilian. The text “Epicurus and War” was written by Franz Brentano, in 1916, as a note of repudiation to the homonymous article published by Paul Hiestand, in the “Internationale Rundschau”, on December 10, 1915. The central point of the Brentanian critique held that under the correct thesis defended by Hiestand (namely, the thesis that one reverses the relationship between means and end by taking the lives of individuals as means to economic or political prosperity of the state), there is an unfounded attack on the true philosophical Christian spirit. In a short and to the point defense of philosophical theism, Brentano blames the epicurean egoism advocated by Hiestand for the origin of the ongoing First World War. There are in this debate two traits of what we might call typically Brazilian egoism. So, even if briefly, We will try to point them out to make explicit the current cultural blindness of the country. The first of them is an economic theory and lies in the selfishness imbricated in the illusion of some Brazilian interpreters of the Austrian theory of economic value, who maintain that human lives can (and should) be used to guarantee Brazilian economic prosperity. The second is theological and lies in the selfishness implicit in the illusion of some defenders of Brazilian neo-Pentecostal Christianity, who allow themselves to be seduced by the selfish morals of a warlike state and distort Christianity from its path towards peace.

**Keywords:** Brentano, Hiestand, Epicurus, War, Brazil.

Em um trabalho recente, publicado com o título *Franz Brentano, Ludwig von Mises e a Escola Austríaca* (2019), Brito apresentou alguns pontos da filosofia de Franz Brentano com o propósito de alertar alguns jovens pesquisadores brasileiros, os quais investigam as teorias do valor na Escola Austríaca, acerca de imprecisões e equívocos cometidos em função da superficialidade ou da pressa em suas investigações. De modo mais específico e seguindo a tese de Chisholm<sup>3</sup> sobre a “herança brentaniana da tradição filosófica na Escola Austríaca”, alguns problemas em torno da plurivocidade do termo “conhecimento *a priori*” na tradição filosófica foram apontados. O propósito era ressaltar o modo vago e impreciso da interpretação da *praxeologia* apresentada por alguns leitores de Mises no Brasil. A partir do problema da plurivocidade do termo “conhecimento *a priori*”, sugeriu-se que uma correta interpretação da noção de valor, resultante dos atos de preferir e escolher pressupostos em tal “herança” brentaniana da teoria *praxeológica*, carecia ainda de muitos aprimoramentos. Em resumo, tratava-se de um alerta aos interessados na filosofia austríaca do valor (mesmo aos que se ocupam apenas do valor econômico) e cujo propósito foi evidenciar um erro comum cometido por muitos interessados em teorias filosóficas, os quais buscam nos textos filosóficos apenas os argumentos para justificar suas crenças cientificamente infundadas. É nesse sentido, portanto, também como um alerta histórico, que esse trabalho de 2019 dialoga com esta breve introdução à tradução de um curtíssimo texto brentaniano acerca dos dois modos de institucionalizar o egoísmo na cultura, caracterizado como o principal desencadeador de guerras, sobretudo causador da 1ª Guerra Mundial. Assim, se, em *Franz Brentano, Ludwig von Mises e a Escola Austríaca*, Brito apontou a importância de se aprimorar a investigação conceitual acerca dos fundamentos epistemológicos da teoria do valor, em *Epicuro e a guerra: dois avisos de Brentano para um Brasil em colapso*, apresentamos os dois pontos fundamentais na análise histórica brentaniana acerca dos motivos que levaram à guerra, enquanto colapso social: i) a institucionalização do egoísmo por meio de um projeto econômico de estado que utiliza os indivíduos como meio; ii) a institucionalização o egoísmo por meio da cultura religiosa que não se orienta para a paz.

Certamente Brentano não estava preocupado com previsões e, muito menos, com o colapso social brasileiro dos anos 2020. Por isso, não propomos inferir possíveis avisos a partir de suas análises, mas apenas reconstruí-los a partir

3 “A obra “Austrian Economics: Historical and Philosophical Background”, organizada por Barry Smith e Wolfgang Grassl, trouxe a público um interessante trabalho escrito por Roderick M. Chisholm acerca do papel do pensamento de Franz Brentano na Escola Austríaca. Esse trabalho, intitulado “Brentano on preference, desire and intrinsic value”, aponta uma relação direta entre a teoria do valor intrínseco de Franz Brentano e a praxeologia de Ludwig von Mises”. (BRITO, 2019).

de algumas interessantes analogias, as quais alertam para os limites de ambos os projetos, econômico e religioso, adotados pelo atual governo brasileiro.

## EGOÍSMO E GUERRA

*Epicuro e a guerra* (Epikur und der Krieg) é o título de um curtíssimo texto publicado por Brentano em Zurich (1916), no *Internationale Rundschau*, em plena Primeira Guerra Mundial, quando já aposentado e cego em seu último ano de vida na Suíça. Trata-se de uma resposta direta e dura ao artigo de Paul Hiestand, publicado 10 de dezembro de 1915, no mesmo periódico e com o mesmo título<sup>4</sup>.

Não será o caso de analisar, aqui, a tese de Hiestand e sua defesa. Trataremos apenas de apresentá-la, a partir de três pontos, com o propósito de construir o background da argumentação brentaniana. No entanto, para fazer justiça, é preciso ressaltar ao menos dois aspectos centrais dessa tese, acerca dos males do egoísmo, os quais são interessantes para eventuais investigações diversas à que propomos.

- i) Hiestand parte do fato de que o egoísmo pode ser reconhecido como o principal motivo da 1ª Guerra Mundial. Assumindo o egoísmo como causa da guerra, ele sustenta que não é possível apontar o epicurismo como responsável pelo cultivo de tais valores. Nesse sentido, Hiestand sustenta a necessidade de uma correta interpretação da filosofia de Epicuro, pois ela seria suficiente para reconhecer o quanto o verdadeiro epicurismo está distante do cultivo de valores egoístas;
- ii) A tese de Hiestand não é apenas negativa e não se restringe a sustentar a impossibilidade da responsabilização do epicurismo pelo cultivo do egoísmo. Ela sustenta, sobretudo, que a irracionalidade presente na inspiração teísta cristã, própria da tradição filosófica, é efetivamente a responsável pelo egoísmo motivador da primeira grande guerra.

Sem traçar considerações acerca do epicurismo, o texto traduzido a seguir mostra que Brentano concorda plenamente com a ideia de que o egoísmo está nos fundamentos dos males que desencadearam a 1ª Guerra. No entanto, a tese de que a inspiração teísta filosófica é originária do egoísmo, sobretudo por se tratar de um teísmo cristão, é o grande alvo de sua crítica ao artigo de Hiestand. Por isso, voltemos brevemente à argumentação deste último.

4 Cf. [https://ia800200.us.archive.org/35/items/IR\\_I\\_1915/IR\\_I\\_1915\\_text.pdf](https://ia800200.us.archive.org/35/items/IR_I_1915/IR_I_1915_text.pdf) (acesso em 01/06/2021)

Os três pontos fundamentais da argumentação de Hiestand, expostos a seguir, são suficientes para estabelecer as bases da crítica de Brentano. Hiestand (1915) sustenta que:

- 1) Quer os antagonismos nacionais se baseiem nesses ou aqueles ideais, quer contenham ou não motivos econômicos, é sempre o cultivo de um pensamento anti-individualista, corporativo, precisamente a ideia do Estado, que produz esses antagonismos e, portanto, as guerras entre nações. (1915. p. 474)<sup>5</sup>
- 2) É o culto não da pessoa e da humanidade, mas da totalidade que habita dentro de certos limites, uma concepção da vida que acredita que o objetivo do desenvolvimento não está na prosperidade do indivíduo, mas na do Estado, e que não considera o ser humano como tal, mas apenas como uma parte de um todo que, apenas enquanto todo, tem o direito de existir. (1915. p. 474)<sup>6</sup>
- 3) É o ideal da tão apregoada Organização que reconhece o valor do indivíduo apenas na medida em que ele é um componente útil de uma máquina e não quer mais ser. Não é a expansão cosmopolita da visão para o geralmente humano, para o bem em todos os lugares e em todas as formas, que vale a pena lutar, mas a estreiteza de visão que só pessoas certas, costumes certos e instituições do lado de cá da fronteira, em uma palavra, o oposto da humanidade que os filósofos de Herder a Wundt tinham em mente como o objetivo da história. (1915. p. 474)<sup>7</sup>

Em suma, Brentano partirá de um ponto de concordância com Hiestand, a saber, o reconhecimento de que a guerra é motivada pela institucionalização do egoísmo, para levantar uma forte oposição ao modo hiestandiano de interpretar o cultivo do egoísmo.

---

5 Ob die nationalen Gegensätze sich auf diese oder jene Ideale stützen, ob sie wirtschaftliche Motive mit enthalten oder nicht, stets ist es die Pflege eines antiindividualistischen, korporativen Gedankens, eben des Staatsgedankens, welcher jene Gegensätze und damit die Völkerkriege erzeugt. (HIESTAND, 1915, 474).

6 Es ist der Kultus nicht der Menschheit und Menschlichkeit, sondern der innerhalb bestimmter Grenzen wohnenden Gesamtheiten, eine Lebensauffassung, welche nicht in dem Gedeihen der einzelnen, sondern der Staaten das Ziel der Entwicklung zu erkennen glaubt und den Menschen nicht als solchen, sondern nur als Teil eines allein existenzberechtigten Ganzen gelten lässt (HIESTAND, 1915, 474).

7 Es ist das Ideal der vielgerühmten Organisation, das dem einzelnen nur insoweit einen Wert zuerkennt, als er brauchbarer Bestandteil einer Maschine ist und ja nicht mehr sein will. Nicht die kosmopolitische Erweiterung des Blickes auf das allgemein Menschliche, auf das Gute an jedem Orte und in jeder Form, ist darnach erstrebenswert, sondern die Borniertheit, welche nur diesseits der Grenzpfähle rechte Menschen, rechte Sitten und Einrichtungen sieht, mit einem Worte das Gegenteil der Humanität, die den Philosophen von Herder bis Wundt als das Ziel der Geschichte vorgeschwebt (HIESTAND, 1915, 474).

# ESTADO, INDIVÍDUO, PATRIOTISMO E RELIGIÃO

É com aplausos à análise de Hiestand que Brentano inicia suas considerações. Segundo ele, Hiestand está correto ao reconhecer como absurda a ideia de que, do ponto de vista econômico ou político, o *Estado* pode ser tomado como um ser vivo acima dos indivíduos, pois isso coloca-os como seres inferiores obrigados a servir ao Estado com seus bens e seu sangue. Em outras palavras, Brentano reconhece uma inversão entre meios e fim, na medida em que a prosperidade econômica e política exigem o despojamento da felicidade dos indivíduos ou até mesmo seus piores sofrimentos. Tal inversão é absurda, segundo Brentano, pois “certamente não é o homem que existe por causa do Estado, mas o Estado por causa do homem” (2010, p. 167). Em outras palavras, ao tomar o indivíduo como meio, “ele não se apresenta como algo bom em si mesmo, mas apenas como algo útil” (2010, p. 167).

Há um aspecto muito interessante nessa crítica brentaniana à inversão na relação entre meios e fim, a qual sustenta a ideia de que a prosperidade econômica e política do Estado tem pleno direito sobre a vida do indivíduo. Brentano se vale dessa inversão para denunciar um falso patriotismo, ou seja, um patriotismo sem virtudes, responsável pelo cultivo dos valores egoístas que sustentam tal inversão.

Há nesse ponto uma analogia direta com o patriotismo muito disseminado no Brasil em pleno contexto da pandemia do Covid 19. Tratam-se, efetivamente, das ideias difundidas por grandes empresários, por membros do governo, mas também pelo próprio Chefe do Poder Executivo.

A menção a duas matérias divulgadas na imprensa são suficientes para exemplificar o caso. A primeira delas, intitulada *Dono do Madero diz que Brasil não pode parar por '5 ou 7 mil mortes'*<sup>8</sup> e publicada na Revista Isto É, em 20/03/2020<sup>9</sup>, retrata a posição de um conhecido representante do setor empresarial.

“O Brasil não pode parar dessa maneira. O Brasil não aguenta. Tem que ter trabalho, as pessoas têm que produzir, têm que trabalhar. O Brasil não tem que essa condição de ficar parado assim. As consequências que teremos economicamente no futuro vão ser muito maiores do que as pessoas que vão morrer agora com o coronavírus”, disse. Para o empresário, deve haver um “controle” sobre as restrições. “Não pode simplesmente os infectologistas decidirem que tem que todo mundo parar independente das consequências gravíssimas que o Brasil vai ter na sua economia”, afirmou.

8 <https://istoe.com.br/dono-do-madero-diz-que-brasil-nao-pode-parar-por-5-ou-7-mil-mortes/>. Mas também disponível em <https://congressoemfoco.uol.com.br/economia/brasil-nao-pode-parar-por-cinco-ou-sete-mil-mortes-diz-dono-do-madero/> e também em <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/03/consequencias-economicas-serao-maiores-do-que-5-ou-7-mil-que-vaio-morrer-diz-dono-do-madero.shtml>

9 A escolha da Revista Isto É se deu em função do seu conhecido posicionamento a favor do mercado. Fato utilizado aqui para caracterizar o absurdo da declaração. <https://istoe.com.br/dono-do-madero-diz-que-brasil-nao-pode-parar-por-5-ou-7-mil-mortes/>



A segunda matéria, intitulada ‘Gripezinha’, ‘País de maricas’: as frases de Bolsonaro sobre a pandemia<sup>10</sup>, publicada na coluna Política do jornal Estado de Minas, em 19/06/2021, é uma síntese das várias frases absurdas pronunciadas pelo atual Presidente da República.

- Quando o Brasil registrava 25 casos, sem nenhuma morte: *“Está superdimensionado o poder destruidor desse vírus. Talvez esteja sendo potencializado até por questões econômicas”*.
- Dia seguinte à primeira morte no país: *“Olha, a economia estava indo bem... Esse vírus trouxe uma certa histeria. Tem alguns governadores, no meu entender, eu posso até estar errado, mas estão tomando medidas que vão prejudicar muito a nossa economia”*.
- Com menos de 100 mortos: *“Para 90% da população, isso vai ser uma gripezinha ou nada”*.
- 1,2 mil mortos: *“Parece que está começando a ir embora essa questão do vírus”*
- 5 mil mortos: *“E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre”*
- 163 mil mortos: *“Tudo agora é pandemia, tem que acabar com esse negócio, pô. Lamento os mortos, lamento. Todos nós vamos morrer um dia, aqui todo mundo vai morrer. Não adianta fugir disso, fugir da realidade. Tem que deixar de ser um país de maricas”*.
- 340 mil mortos: *“Não vamos chorar o leite derramado. Estamos passando ainda por uma pandemia, que em parte é usada politicamente não para derrotar o vírus, mas para tentar derrubar o presidente”*.

Expostas as duas matérias, a analogia se impõe e supomos que não seja necessário aprofundar os detalhes deste colapso sociocultural brasileiro para caracterizar a inversão da relação entre meios e fim, tal como descrita por Brentano. Importa apenas ressaltar que essa inversão é, efetivamente, o modo de impor ideais egoístas por meio do cultivo do falso patriotismo que apregoa a defesa da economia ou da soberania nacional.

Vale lembrar que, segundo Brentano, um patriotismo como esse, o qual chega ao ponto de não reconhecer que o indivíduo não pode ser tomado como meio, não pode ser admirado como virtude. Justamente por isso, esse tipo de patriotismo deve ser condenado decididamente como uma aberração moral. É muito interessante também, e vale a pena enfatizar, o fato de Brentano estabelecer uma analogia entre a avareza e o falso patriotismo ao descrevê-lo como uma condenável aberração moral, pois ele é *“semelhante à conduta de um avarento que sacrifica sua felicidade pessoal*

<sup>10</sup> [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/06/19/interna\\_politica,1278492/gripezinha-pais-de-maricas-as-frases-de-bolsonaro-sobre-a-pandemia.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/06/19/interna_politica,1278492/gripezinha-pais-de-maricas-as-frases-de-bolsonaro-sobre-a-pandemia.shtml)

à acumulação de riquezas, como se estas fossem um verdadeiro bem, sim, um bem superior em si mesmo” (2010, p. 167).

A concordância entre Hiestand e Brentano encerra-se no ponto exposto acima, pois a segunda parte do texto consiste na defesa da “cosmovisão teísta”, a qual Hiestand acusa de irracionalista e causadora do egoísmo que sustentado o cultivo do falso patriotismo.

Brentano recusa veementemente tal acusação, não apenas por considerar que a argumentação hiestandiana não oferece qualquer prova, mas sobretudo por considerar que se trata de uma acusação contrafática, frente à existência de vários sistemas filosóficos, explicitamente racionais, ainda que baseados em doutrinas “que assumem um princípio divino ao transcender o reino da experiência” (2010, p. 168). Embora esse seja o ponto central da argumentação brentaniana, ele não é o que nos interessa destacar. Para nosso propósito, importa ressaltar a crítica secundária de Brentano, pois ela aponta um erro contra o “interesse prático da causa da paz”, cometido por Hiestand.

Segundo Brentano, o fato de Hiestand não reconhecer o Cristianismo como a religião da paz, bem como os esforços de Bento XV pelo reestabelecimento desta, faz com que seus ataques separem as forças, quando seria necessário mantê-las unidas o máximo possível. Trata-se, portanto, de um fogo amigo fundado na intolerância, o qual impede de perceber que “a raiz da qual todo infortúnio se originou certamente não está nas convicções religiosas, mas nos impulsos egoístas” (2010, p. 168). Embora seja evidente que, “por meio da irracionalidade dos homens, guerras tenham ocorrido repetidamente em supostos interesses religiosos” (2010, p. 168), Brentano ressalta que “também através da irracionalidade dos seguidores de uma moral egoísta, isso poderia muito bem acontecer, e muito mais frequentemente” (2010, p. 168).

Esse é, finalmente, o último ponto que nos interessa tratar, também a partir de uma analogia. Temos aqui, na irracionalidade que perpassa as convicções religiosas cristãs, o segundo modo de cultivo do egoísmo brasileiro. A sedução irracional operada pelo perigoso lema “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, não apenas se difundiu entre muitos defensores do cristianismo neopentecostal no Brasil, como também se tornou um braço ideológico do Estado brasileiro.

No momento, não há como dimensionar o colapso sociocultural brasileiro. No entanto, foi muito revelador o perigoso fato de o Chefe do Poder Executivo não sentir o menor constrangimento ao não afirmar a laicidade do Estado na 75ª Assembleia das Organizações das Nações Unidas. Abertamente, e sem qualquer compromisso com a tolerância religiosa pressuposta em um Estado laico, o mundo viu e ouviu perplexo o Presidente do Brasil dizer que “o Brasil é um país cristão e



conservador, e tem na família a sua base”<sup>11</sup>. Quão longe estamos da democracia e quão longe estamos da paz, só a história dirá.

## CONSIDERAÇÃO FINAL

A pergunta que se coloca é a seguinte: caberá ao tribunal da história, do mesmo modo, o julgamento pelo “crime” de cultivo do egoísmo, bem como sua institucionalização econômica e religiosa, o qual levou ao genocídio que estamos presenciando. Quem viver verá. No entanto, ao menos uma coisa é certa: os dois avisos de Brentano foram dados 100 anos antes do golpe sofrido pela democracia brasileira de 2016. Além disso, nós também avisamos!

## REFERÊNCIAS

BRENTANO, F. “Epikur und der Krieg”. *Schriften zur Ethik und Ästhetik*. Ontos Verlag, 2010, p. 165.

BRITO, Evandro O. “Franz Brentano, Ludwig von Mises e a Escola Austríaca”. In: BRITO, Evandro O., SPICA Marciano A. (Orgs.) *Filosofia social e fundamentação da ação moral*. 1 ed. – Guarapuava: Apolodoro Virtual Edições, 2019.

CHISHOLM, Roderick M. “Brentano on Descriptive Psychology and The Intentional”. In: \_\_\_\_\_. *Brentano and Intrinsic Value*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

CHISHOLM, Roderick M. “Brentano on preference, desire and intrinsic value”. In: SMITH, Barry. GRASSL, Wolfgang. *Austrian Economics: Historical and Philosophical Background* T & F Books UK. Edição do Kindle.

HIESTAND, Paul. “Epikur und der Krieg”, *Internationale Runbschau*, 1915, p. 469 – 482. Disponível em [https://ia800200.us.archive.org/35/items/IR\\_I\\_1915/IR\\_I\\_1915\\_text.pdf](https://ia800200.us.archive.org/35/items/IR_I_1915/IR_I_1915_text.pdf)

SMITH, Barry. GRASSL, Wolfgang. *Austrian Economics: Historical and Philosophical Background* T & F Books UK. Edição do Kindle.

11 <https://catracalivre.com.br/cidadania/cristofobia-na-onu-bolsonaro-fez-apelo-que-nao-faz-jus-a-realidade-do-bra>

# EPICURO E GUERRA

FRANZ BRENTANO

A “Internationale Rundschau” publicou recentemente um artigo com o mesmo título, o qual recebe meus aplausos na medida em que enfatiza que, mesmo sob o ponto de vista do egoísmo mais extremo, a sede de guerra não pode ser aprovada sob nenhuma circunstância. O autor também reconhece com clareza o absurdo daqueles que querem que o *Estado seja considerado como um ser vivo superior ao indivíduo, por cuja feliz prosperidade os indivíduos inferiores têm que abrir mão de seus bens e sangue, e que, portanto, também sustentam que deve ser considerado um mal menor se um povo inteiro for despojado de sua felicidade, e exposto aos sofrimentos mais indescritíveis, do que se o Estado não se mantiver em pleno poder e, até mesmo, deixar de aumentá-lo ainda mais.* Nesse delírio, hoje muito difundido, encontra-se uma das mais estranhas inversões da ordem de meios e fins, uma vez que certamente não é o homem que existe por causa do Estado, mas o Estado por causa do homem, na medida em que este último não se apresenta como algo bom em si mesmo, mas apenas como algo útil. Um patriotismo que chega ao ponto de não reconhecer não pode ser admirado como virtude; devemos, sim, condená-lo decididamente como uma aberração moral, semelhante à conduta de um avaro que sacrifica sua felicidade pessoal à acumulação de riquezas, como se estas fossem um verdadeiro bem, sim, um bem superior em si mesmo.

Mas, se se pode ser chamado de meritório ter enfatizado uma verdade que é muito reconhecida em nosso tempo, então é profundamente lamentável se alguém, como fez o autor do artigo com a afirmação de que do ponto de vista egoísta tais ultrajes deveriam ser condenados, ainda acrescenta que se deve culpar os adeptos de uma cosmovisão teísta por tê-las causado ou favorecido. O autor também não apresentou o mínimo que se assemelhasse a uma prova disso, se não algo como que toda doutrina que assume um princípio divino ao transcender o reino da experiência se torna puro disparate, ou, como o autor se expressa, é inteiramente irracional; em tais confusões ao disparate, também não se deveria mais ficar espantado com aquela inversão absurda de fins e meios que leva a uma espécie de fetichismo de estado.

Ousando usar uma linguagem tão desdenhosa para com todos os pensadores teístas, ele se mostra pouco familiarizado com a história da filosofia; caso contrário, ele deveria saber que exatamente os pensadores mais eminentes e sagazes da antiguidade, bem como dos tempos mais recentes, um Anaxágoras, Platão, Aristóteles, bem como um Descartes, Locke, Leibniz e, em certo sentido, também o agora tão elogiado Kant, embora ele considere o transcendente como inescrutável, pertencem aos teístas. Mesmo Albert Lange, o autor da “História do

Materialismo”, sente-se compelido a reconhecer que temos que agradecer não aos materialistas, mas a todos os espiritualistas, pelas grandes descobertas já feitas na antiguidade no campo das ciências exatas; e da mesma forma Romanes, o psicólogo do Darwinismo, confessa que notou com maior espanto como, dos pesquisadores contemporâneos que na Inglaterra, se distinguiram mais pelo engenho matemático (ele nomeia, além de Maxwell e Lord Kelvin, toda uma série dos professores mais famosos de Cambridge), quase todos foram de persuasão teísta; para mostrar como algo semelhante se aplica aos grandes pesquisadores no campo das ciências exatas também na Alemanha, basta mencionar Johannes Müller, Liebig, Schwann, Pflüger e Helmholtz. Por essa razão, também, com a prova de nosso autor, que de outra forma seria transmitida muito solta, as coisas estão muito ruins.

Mas também é altamente deplorável no interesse prático da causa da paz, quando alguém que confessa ser um de seus amigos faz ataques insultuosos contra outros entre eles, pois isso significa estilhaçar as forças onde é necessário mantê-las unidas o máximo possível. Franklin, quando procurou conduzir todos aqueles que se esforçam para fazer o bem para uma união de convivência, que ele chamou de “Sociedade dos que fazem o bem”, nos deu, a propósito, não se ofendendo diante das maiores divergências de opinião, um exemplo da tolerância que também é solicitada em nosso caso. O autor a viola de uma maneira ainda mais conspícua, já que, em nosso exato tempo, quase não vemos ninguém lutando com maior afinco pelo estabelecimento da paz do que Bento XV, o chefe da Igreja Católica.

O cristianismo é, em todo o seu espírito, uma religião de paz, e este caráter ainda permanece com ele hoje, mesmo que, através da irracionalidade dos homens, guerras tenham ocorrido repetidamente em supostos interesses religiosos. E assim, também através da irracionalidade dos seguidores de uma moral egoísta, isso poderia muito bem acontecer, e muito mais frequentemente. Especialmente em nossos dias, a raiz da qual todo infortúnio brotou certamente não está nas convicções religiosas, mas nos impulsos egoístas. Se eu não temesse cair num erro semelhante de intolerância para com aqueles que concordam comigo no amor à paz, eu não só apresentaria evidências disso com facilidade, mas também mostraria como a acusação da filosofia irracional, ao invés dos pensadores teístas, deve ser feita sobretudo aos seguidores de Epicuro, que em sua superficialidade se entregou, quase mais do que qualquer outro filósofo, à nudez mais óbvia.

# EPIKUR UND DER KRIEG

FRANZ BRENTANO

Die „Internationale Rundschau“ hat unter dem gleichen Titel kürzlich einen Artikel gebracht, der insofern meinen vollen Beifall findet, als er betont, dass auch vom Standpunkt des extremsten Egoismus Kriegsgelüste unter keinen Umständen gebilligt werden können. Der Verfasser erkennt auch mit Klarheit die Absurdität derjenigen, welche den Staat gegenüber dem einzelnen, als ein höheres Lebewesen, für dessen glückliches Gedeihen die niederen ihr Gut und Blut hinzugeben haben, betrachtet wissen wollen, und welche deshalb auch behaupten, es sei als ein minderes Übel anzusehen, wenn ein ganzes Volk seines Glückes beraubt und den unsäglichsten Leiden preisgegeben wird, als wenn der Staat sich nicht in voller Macht erhalte, ja, aufhöre, dieselbe des weiteren noch zu vermehren. In diesem heute nur allzusehr verbreiteten Wahn liegt eine der seltsamsten Verkehrungen der Ordnung von Mittel und Zweck, da ja gewiss nicht der Mensch wegen des Staates, sondern der Staat wegen der Menschen da ist, indem jener sich gar nicht als etwas in sich selbst Gutes, sondern nur als etwas Nützliches darstellt. Ein Patriotismus, der so weit geht, dies zu verkennen, kann nicht als Tugend bewundert werden; wir müssen ihn vielmehr geradezu als eine moralische Verirrung verdammen, ähnlich dem Verhalten eines Geizhalses, welcher der Ansammlung von Reichtümern, als wären diese ein wahres Gut, ja, höheres Gut in sich, sein persönliches Glück aufopfert.

Allein, wenn es verdienstlich genannt werden kann, eine in unserer Zeit vielverkannte Wahrheit aufs neue mit Nachdruck hervorgehoben zu haben, so ist es aufs höchste zu bedauern, wenn einer, wie der Verfasser des Artikels es getan, mit der Behauptung, dass vom egoistischen Standpunkt solche Ausschreitungen verurteilt werden müssten, noch die andere verbindet, dass man den Anhängern einer theistischen Weltanschauung Schuld geben müsse, sie veranlasst zu haben oder zu begünstigen. Der Verfasser hat auch nicht das Geringste vorgebracht, was einem Beweis dafür ähnlich sähe, wenn nicht etwa dies, dass jede Lehre, welche ein göttliches Prinzip annimmt, indem sie das Gebiet der Erfahrung überschreite, zum reinen Unsinn werde, oder, wie der Verfasser sich ausdrückt, ganz irrational sei; bei solchen Verirrungen ins Unsinnige habe man sich auch über jene widersinnige Verkehrung von Zweck und Mittel, die zu einer Art Staatsfetischismus führt, nicht mehr zu verwundern.

Indem er gegenüber allen theistischen Denkern einer so verächtlichen Sprache sich zu bedienen wagt, erweist er sich, als mit der Geschichte der Philosophie wenig vertraut; er müsste sonst wissen, dass gerade die bedeutendsten und scharfsinnigsten Denker des Altertums wie der neueren Zeit, ein Anaxagoras,

Plato, Aristoteles, wie ein Descartes, Locke, Leibniz und in gewisser Weise auch der jetzt so viel gepriesene Kant, obwohl er das Transzendente für unerforschlich hält, zu den Theisten zählen. Selbst Albert Lange, der Verfasser der „Geschichte des Materialismus“, sieht sich genötigt, anzuerkennen, dass wir die grossen Entdeckungen, die schon im Altertum auf dem Gebiete der exakten Wissenschaften gemacht worden sind, nicht Materialisten, sondern sämtlich Spiritualisten zu danken haben; und ähnlich bekennt Romanes, der Psychologe des Darwinismus, dass er mit äusserster Verwunderung bemerkt habe, wie von den zeitgenössischen Forschern, welche sich in England am meisten durch mathematischen Scharfsinn auszeichneten (er nennt neben Maxwell und Lord Kelvin noch eine ganze Reihe der berühmtesten Professoren von Cambridge), fast alle theistischer Überzeugung waren; um zu zeigen, wie Ähnliches von grossen Forschern auf dem Gebiet der exakten Wissenschaften auch in Deutschland gilt, braucht man nur Johannes Müller, Liebig, Schwann, Pflüger und Helmholtz zu nennen. Mit dem Beweise unseres Verfassers, mit dem es auch sonst sehr locker bestellt sein würde, steht es also auch aus diesem Grunde herzlich schlecht.

Es ist aber auch im praktischen Interesse der Sache des Friedens höchlich zu beklagen, wenn einer, der sich zu seinen Freunden bekennt, beleidigende Angriffe gegen andere unter ihnen macht, denn dies heisst, die Kräfte zersplittern, wo es gilt, sie möglichst zusammenzuhalten. Franklin, als er alle, die das Gute zu tun bestrebt sind, zu einer geselligen Verbindung zu führen suchte, die er als die „Society of the doers of good“ bezeichnete, gab uns, indem er im übrigen an den grössten Divergenzen der Meinungen keinen Anstoss nahm, ein Beispiel für die auch in unserem Falle gebotene Toleranz. Gegen sie verstösst der Verfasser in um so auffälligerer Weise, als wir gerade in unserer Zeit kaum irgend jemand mit grösserem Eifer um die Herstellung des Friedens sich bemühen sehen, als Benedikt XV, das Oberhaupt der katholischen Kirche.

Das Christentum ist seinem ganzen Geiste nach eine Religion des Friedens, und dieser Charakter bleibt ihm noch heute, wenn es auch durch die Unvernunft der Menschen wiederholt zu Kriegen in vermeintem religiösem Interesse gekommen ist. Und so konnte dies denn auch durch die Unvernunft von Anhängern einer egoistischen Moral sehr wohl und noch viel häufiger geschehen. Gerade in unseren Tagen liegt die Wurzel, aus welcher alles Unglück entsprungen ist, gewiss nicht in religiösen Überzeugungen, sondern in egoistischen Antrieben. Würde ich nicht fürchten, in einen ähnlichen Fehler der Intoleranz gegenüber solchen zu verfallen, die mit mir in der Liebe des Friedens einig sind, so würde ich nicht bloss den Nachweis hiefür mit Leichtigkeit erbringen, sondern auch zeigen, wie der Vorwurf *irra tio na ler* Philosophie, statt den theistischen Denkern, vielmehr vor allem den Anhängern Epikurs gemacht werden muss, der sich in seiner Oberflächlichkeit schier mehr als jeder andere Philosoph die sichtlichsten Blößen gegeben hat.